

CARTAS
PORTUGUESAS
DE MARIANA ALCOFORADO

TRADUÇÃO DO ORIGINAL FRANCÊS,
ESTUDO HISTÓRICO E NOTAS POR
JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO



ÍNDICE

NOTA PRÉVIA	13
CANTO AO AMOR TRAÍDO (UMA HISTÓRIA LUSO-FRANCESA)	
23	
1. Do Tratado da Ilha dos Faisões ao Fim da Guerra da Aclamação	25
2. Um Acontecimento Editorial.	28
3. O Cavaleiro de Chamilly.	36
4. Quem Escreveu as <i>Lettres Portugaises</i> ?	43
5. Beja e a Família de Mariana Alcoforado . .	50
6. Na Porosidade da Clausura	59
7. Encontros, Desencontros	68
8. A Paixão Desigual.	74
9. Penitência, Resgate e Morte	87
10. Fraude ou Invenção/Reinvenção Literária?	94
11. <i>Ars Amandi</i>	113
12. Com a «Alma em Fogo»	123
13. Lendo nas Entrelinhas	138
14. O Triunfo do Mito	144

EPÍLOGO	161
CARTAS PORTUGUESAS	173
Ao Leitor	175
Primeira Carta	177
Segunda Carta	183
Terceira Carta	189
Quarta Carta	195
Quinta Carta	209
LETTRES PORTUGAISES	221
Au Lecteur	223
Première Lettre	225
Seconde Lettre	231
Troisième Lettre	237
Quatrième Lettre	243
Cinquième Lettre	253
FONTES E BIBLIOGRAFIA	263

SEGUNDA CARTA

Parece-me que faço a maior afronta do mundo aos sentimentos do meu coração quando tento dar-tos a conhecer, por escrito. Como seria feliz se os pudesse julgar pela violência dos teus! Mas não posso fiar-me de ti, nem posso deixar de te dizer, embora com menos força do que o sinto, que não devias maltratar-me assim, com um esquecimento que me leva ao desespero e se torna até uma vergonha para ti. Afigura-se muito justo, pelo menos, que padeças as queixas das desgraças que eu tanto previra, quando te vi determinado a abandonar-me. Reconheço bem que me enganei ao pensar que agirias mais lealmente do que é costume, porque o excesso do meu amor parecia colocar-me acima de todas as suspeitas e merecer mais fidelidade do que aquela que é habitual encontrar-se. Mas a tua inclinação para me atraiçoar venceu, afinal, a justiça que deves a tudo o que fiz por ti. Não deixaria de ser infeliz se soubesse que me amas apenas porque eu te amo, pois quisera tudo dever unicamente à tua paixão; mas sinto-me tão longe de tal estado que há mais de seis meses não recebo uma carta tua que seja!

Atribuo toda esta infelicidade à cegueira com que me abandonei à ideia de me afeiçoar a ti: não devia eu ter previsto que as minhas alegrias terminariam antes do meu amor? Como poderia esperar que permanesses para sempre em Portugal e renunciasses à tua carreira e ao teu país, para não pensares senão em mim?

Os meus padecimentos não podem esperar nenhum alívio, e recordar as minhas alegrias enche-me de desespero. Que coisa! Todos os meus desejos serão, pois, em vão, e nunca mais voltarei a ver-te no meu quarto⁽⁴⁰⁰⁾ com todo o ardor e todo o arrebatamento que me mostravas? Ai, que ilusão a minha! Por demais sei que todas as emoções que me enchiam a cabeça e o coração eram suscitadas em ti apenas por alguns prazeres e acabavam tão depressa como eles. Teria sido forçoso que, nesses momentos de plenitude, apelasse à minha razão para moderar o fatal excesso da minha felicidade e ter em conta tudo o que padeço agora. Mas eu entregava-me toda a ti e não estava em condições de pensar no que poderia envenenar a minha alegria e impedir-me de fruir completamente os testemunhos ardentes da tua paixão. Era demasiado feliz ao teu lado para pensar que um dia estarias longe de mim.

(400) As religiosas, nomeadamente as de maiores posses, viviam no convento, como dissemos, em apartamentos privados, a que se dava o nome de «quartos», «casas» ou «moradias». Francisco da Costa Alcoforado, pai de D. Mariana e de D. Peregrina, mandou construir, antes de 1665, uma destas instalações para as filhas.

Contudo, lembro-me de te dizer, algumas vezes, que farias de mim uma desgraçada; mas estes receios logo se dissipavam, e eu tinha gosto em oferecer-tos em sacrifício e em me abandonar ao encanto e à falsidade das tuas promessas. Bem vejo qual é o remédio para todos os meus males, e em breve estaria livre deles se deixasse de te amar. Mas, ai! Que remédio esse! Não, prefiro sofrer a esquecer-te. Infeliz! Depende isso de mim? Não posso culpar-me por ter desejado, nem que fosse um só momento, não mais te amar. És mais digno de pena do que eu, pois mais vale sofrer tudo o que eu sofro do que gozar dos prazeres fáceis que te dão as tuas amantes de França.

Não invejo a tua indiferença: fazes-me pena. Desafio-te a que me esqueças totalmente. Posso gabar-me de ter conseguido que, sem mim, não possas senão ter prazeres imperfeitos; e sou mais feliz do que tu, porque me sinto mais preenchida. Nomearam-me há pouco tempo porteira deste convento⁽⁴⁰¹⁾. Todos aqueles que falam comigo acham que estou doida, e eu nem sei o que lhes diga; as freiras devem ser tão insensatas como eu, para me terem julgado capaz de fazer seja o que for.

⁽⁴⁰¹⁾ Madre D. Mariana Alcoforado exerceu ao longo da vida diversos cargos no convento. O de porteira, escolhida expressamente pela abadessa, era, já o indicámos, de especial responsabilidade, pois competia-lhe gerir as relações entre a comunidade e o exterior.

Ah, como invejo a dita do Manuel e do Francisco!⁽⁴⁰²⁾ Porque não estou eu, como eles, sempre ao pé de ti? Tivesse ido contigo e servir-te-ia decerto com melhor vontade. Nada mais ambiciono neste mundo do que ver-te.

Lembras-te, ao menos, de mim? Contentar-me-ia com a tua lembrança, mas nem sequer disso me atrevo a ter a certeza. Quando te via todos os dias, não limitava as minhas esperanças a que te recordasses de mim, mas tu ensinaste-me a sujeitar-me a tudo o que queres. Porém, não me arrependo nada de te haver adorado e sinto-me muito feliz por me teres seduzido. A tua ausência cruel, e talvez para sempre, não diminui em nada o arrebatamento do meu amor. Quero que toda a gente saiba, não faço segredo dele e alegro-me por ter feito tudo o que fiz por ti, contra tudo o que parecia conveniente. Desde que comecei a amar-te, a minha honra e a minha religião consistem em amar-te perdidamente toda a minha vida.

Não te digo isto para te obrigar a escrever-me. Ah! Não faças nada coagido! De ti, só quero o que vier do teu coração e recuso todas as provas de amor que me

⁽⁴⁰²⁾ «Dois pequenos lacaios portugueses», segundo uma nota da edição original, que os denomina «Emmanuel» e «Francisque» (cf. ANTÓNIO BÉLARD DA FONSECA, *op. cit.*, pp. 104-105), levados por Noël Bouton para o servirem (MANUEL RIBEIRO, *op. cit.*, p. 324, nota 1).

deres contrariado. Desculpar-te-ei de bom grado se não quiseses ter o trabalho de me escrever. Sinto uma profunda disposição para te perdoar todas as tuas faltas.

Um oficial francês⁽⁴⁰³⁾ teve a caridade de me falar de ti, esta manhã, durante mais de três horas. Disse-me que tinha sido feita a paz em França⁽⁴⁰⁴⁾. Se assim é, não poderias vir ver-me e levar-me contigo para França? Mas não o mereço. Faz como achares melhor, o meu amor já não depende da maneira como me tratares.

Desde que partiste nunca mais estive bem um momento que fosse, e não tenho outro prazer senão

(⁴⁰³) O corpo expedicionário francês a que Noël Bouton pertencia estava parcialmente acantonado em Beja e integrava vários oficiais daquela nacionalidade (MANUEL RIBEIRO, *op. cit.*, pp. 135-138; ANTÓNIO BÉLARD DA FONSECA, *op. cit.*, p. 105).

(⁴⁰⁴) O Tratado de Aix-la-Chapelle, assinado a 2 de Maio de 1668, entre o marquês de Croissy, Charles Colbert, representante de Luís XIV, rei de França e Navarra, e o barão de Bergheik, delegado do marquês de Castelo Rodrigo, Francisco de Moura Côrte-Real, representante de Carlos II, rei das Espanhas, pôs termo à Guerra da Devolução, iniciada cerca de um ano antes, que opunha as duas potências (J[EAN] DUMONT, *Corps Universel Diplomatique du Droit des Gens*, VII, 1, Amesterdão-Haia, Chez P. Brunel, R. et J. Wetstein, et G. Smith, Henri Waesberge, et Z. Chatelain-Chez P. Husson et Charles Levier, 1731, pp. 89-90; cf. ANTÓNIO BELARD DA FONSECA, *op. cit.*, p. 115). Isto significa que a presente carta deve ter sido escrita, o mais cedo, em Junho do mesmo ano (*Lettres Portugaises, Suivies de Guilleragues par Lui-Même, cit.*, p. 215).

o de invocar o teu nome mil vezes cada dia. Algumas freiras, vendo o estado lamentável em que me deixaste, falam-me muitas vezes de ti. Saio o menos que posso do meu quarto, onde vieste tantas vezes, e passo o tempo a contemplar o teu retrato, que me é mil vezes mais caro do que a minha vida. Ele dá-me algum prazer, mas também me causa bastante sofrimento, quando penso que talvez nunca mais volte a ver-te. E porque nunca mais posso voltar a ver-te? Deixaste-me para sempre?

Estou desesperada. A tua pobre Mariana já não pode mais, desfalece ao terminar esta carta. Adeus, adeus, tem piedade de mim!